

A DISPARIDADE PESSOAL EM “FORMIGAS DE APARTAMENTO” DE SÉRGIO SANT’ANNA

THE PERSONAL DISPARITY IN “FORMIGAS DE APARTAMENTO” BY SÉRGIO SANT’ANNA

Júlia ORSINI (Universidade de Brasília)¹

RESUMO: Dentro da temática principal de deslocamentos, o objetivo de tal trabalho é estabelecer parâmetros entre as transposições espaciais, sociais e psicológicas na literatura brasileira contemporânea. Serão utilizados os diversos aspectos que caracterizam a personagem principal no conto “Formigas de Apartamento” de Sérgio Sant’Anna, bem como as divergências que a posicionam em seu atual momento de vida. Será explorada, ainda, a centralidade da personagem em seus deslocamentos urbanos no tanto no sentido literal, quanto metaforicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento. Literatura brasileira contemporânea. Formigas de apartamento. Disparidade pessoal. Pertencimento social. Vidas urbanas.

INTRODUÇÃO

O carioca Sérgio Sant’Anna venceu quatro vezes o prêmio Jabuti, três vezes o prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e uma vez o prêmio da Biblioteca Nacional. Sua obra foi traduzida para o alemão, o italiano, o francês e o tcheco, além de ter sido adaptada para o cinema. Em *O Vôo da Madrugada* os contos ilustram narrativas urbanas e os personagens de cada história estão geralmente rodeados por violência, perversão e outros conflitos advindos da junção da necessidade de vida urbanizada com a individualidade humana. O título da obra já remete ao aeroporto que seria considerado um Não-Lugar (MARC-AUGÉ, 2005) e sugere logo de cara o quão volátil a vida na cidade pode ser. Entretanto, em *Formigas de Apartamento*, além da liquidez da mobilidade propriamente dita, é possível explorar os movimentos internalizados da personagem principal, uma senhora sem nome, que origina, portanto, o título deste trabalho: *A Disparidade Pessoal Em “Formigas De Apartamento” De Sérgio Sant’anna*.

¹ Graduanda em Letras – Inglês pela Universidade de Brasília. juliaunb23@gmail.com

METODOLOGIA

O trabalho proposto toma parte em pesquisa bibliográfica e exploratória. Através de estudos à luz de Marc-Augé e Soren Kierkegaard é possível relacionar

a literatura com a realidade da personagem principal do conto. O método indutivo permite primeiro entender os aspectos examinados e depois relacioná-los à amplitude geral.

Quanto ao procedimento, este trabalho será realizado através da leitura do material teórico para sua respectiva análise e documentação. A análise da literatura juntamente com as amostra será utilizada para chegar a uma conclusão qualitativa.

A DISPARIDADE PESSOAL EM “FORMIGAS DE APARTAMENTO” DE SÉRGIO SANT’ANNA

Os livros de ciências mostram o ciclo da vida limitado a nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. A vida humana é reduzida aos caminhos básicos da biologia como se cada indivíduo já soubesse o que fazer e que lugar ocupar. Os livros de história, por outro lado, mostram o ciclo da vida através da construção social: uma linha de DNA infinita, exteriorizando as consequências de cada decisão tomada durante a vida e eternizando-as no tempo. O que os livros não mostram, porém, é a individualidade adquirida por cada ser. Cada sensação, lembrança, conhecimento, gosto, som, consternação... tudo que é vagarosamente acrescentado na singular bagagem que as pessoas levam consigo durante o breve momento em que um espaço ínfimo na terra é ocupado pela matéria de seu corpo. Um dos itens mais importantes da mala é o laço. Ele pode ser fino ou grosso; resistente ou frágil; pode ser usado para te levar a um lugar ou para te prender a outros. Mas e o envelhecer? Porque logo depois de reproduzirmos envelhecemos e morremos? Não há nada após o envelhecer e antes da morte? O que é feito com a bagagem e onde foi parar o laço?

Para a personagem principal do conto as respostas parecem nunca caminhar de encontro a tais perguntas. Na verdade, elas nem tem mais importância. Afinal, ela sabe que a qualquer momento as luzes a guiarão a um bom termo, no todo ou no nada (P. 86). Mas antes de andejar pelas luzes celestes, luzes artificiais se tornam mais importantes na narrativa, já que o texto se inicia com o acender de um abajur. Logo no primeiro parágrafo, as palavras delatam a ausência do sentimento de pertencer a seu próprio espaço. A senhora acorda de madrugada para ir ao

banheiro, porém é tomada por preocupações: ela evita ao máximo incomodar os outros integrantes da residência, mesmo sabendo que o apartamento é legalmente seu. É possível notar que seu corpo já tomado pela idade não consegue acompanhar sua mente estrategista e, ao mesmo tempo, corpo e mente também não se encaixam no espaço físico reservado para sua envelhescência. Ainda sobre a desconexão de si mesma, há o conflito entre o biológico e o natural: quando são mencionadas as consequências da ingestão de remédios para dormir, a reação natural de seu corpo em seguida, e a imposição de usar fraldas mesmo contra seu gosto. O que justifica, então, ater-se a um sítio volumoso em espaço, mas apoucado de aceitação?

Para perceber as diferentes motivações de deslocamento -ou alocação- é necessário lembrar que a filha, juntamente a seu esposo e seu filho, agora ocupa o recinto que antes fora habitado somente pela velha viúva. A nova geração reflete a mobilidade urbana quando a família muda para o antigo apartamento enquanto o novo fica pronto. A velha geração, entretanto, repugna o conflito de interesses quando, por exemplo, sua opinião não é levada em conta, pois ela se encaixa

naquela faixa etária que mesmo que sua mente esteja sadia, sua voz é ignorada. A família então se nega a enxergar as particularidades da anfitriã em detrimento de seu próprio conforto e comodidade. Quando mencionam deixar o apartamento, é possível questionar mais uma vez a centralidade da senhora: eles podem se mudar para um apartamento antigo ou para um novo, mas a velha provavelmente não sairia dali. O leitor percebe, portanto, fissuras identitárias implicadas na própria existência envolvida na ausência do deslocar-se. A senhora não é privada somente do movimento em si, como também da capacidade de desenvolver sua própria individualidade. O conflito do apartamento prova como os espaços nas cidades estão em constante negociação, e, a senhora está em uma posição oposta à de poder dominante primeiro por conta de fatores como sua idade e gênero. Ainda ponderando sobre a “pseudo-decisão” da velha de manter-se ou não na parte do apartamento que lhe cabe, é possível ponderar à luz de Soren Kierkegaard, filósofo Dinamarquês que foi precursor do existencialismo, sobre as decisões que ela mesma tomou até que chegasse a tal ponto, ou ainda perceber que em seu atual momento, todas as possibilidades de tomada de decisão lhe foram tomadas. De acordo com Kierkegaard esta seria então a origem de toda angústia humana: O

sentimento de impotência, mediante a consequência de escolhas feitas ao longo da vida, bem como a inquietude que tais escolhas trazem.

A experiência urbana do ponto de vista feminino pode ser bastante agressiva e, por isso, faz-se necessário um olhar ainda mais delicado sob personagens contemporâneos como a velha. É válido lembrar que a velha senhora possui metade do apartamento porque isso lhe foi deixado por seu falecido marido que a velha senhora ainda fazia uso da pensão de recebia do mesmo. Além disso, algumas particularidades do gênero feminino cis se expressam, por exemplo, quando a personagem recorda suas idas as unidades básicas de saúde e a retirada do útero. Por fim, é possível ponderar além do que está escrito nas linhas sobre a segurança que estaria disposta à uma idosa morando sozinha. A Agência de Saúde Pública diz que uma idosa de 60 anos ou mais tem 311x mais chances de morte por homicídio.

Analisando o ambiente em si, o apartamento pode ser visto como um espaço tanto de encontros quanto de dispersões, já que é um lar temporário para a família. Porém, centralizando novamente a senhora idosa, o imóvel é reduzido principalmente à prerrogativa de fixidez da habitação. No parágrafo acima, foram exploradas as razões pelas quais as pessoas são lançadas ou retiradas do trânsito, bem como a forma na qual se constituem e reconstituem a partir dele. Porém, a possibilidade de reconstituição pela velha sem esperanças está comprometida e trancafiada dentro das paredes frias de um cômodo. Seria o apartamento, portanto, um "Não-lugar" (MARC-AUGÉ, 2005)? A nova realidade do apartamento faz dele um espaço de circulação. O título da obra inclusive brinca com o entendimento de um não lugar, quando traz formigas -que são conhecidas por se deslocarem quando encontram alimento- pertencentes a um apartamento: um sítio físico, mas que é utilizado como transitório em diversos momentos acima mencionados. Paralelo a sua posição de não-lugar, o apartamento é descrito como uma rede de pertencimentos compartilhada por todos que moram na casa e ainda uma delimitação metafórica da posição ínfima ocupada pela velha. Mesmo no espaço interno no próprio apartamento, o deslocamento sofrido é limitado ao trânsito de um quarto para o outro, dependendo da mobilidade circunscrita da

idosa. Sendo assim, o local é imprescindível para a construção de identidades: abriga as tensões engendradas pela reconstrução relacional da coexistência de diferentes gerações no mesmo espaço, e é ocupado e desocupado diferentemente por cada indivíduo que nele habita momentânea ou permanentemente.

O apartamento é palco, ainda, das oscilações de memória da senhora. Fragmentos de vida que parecem mais distantes do que de fato são e mantêm firme a relação temporal, atribuindo valor ao passado, sentido ao presente, e esperança ao futuro. Um movimento sincrônico reforçando a disparidade pessoal da personagem, tal como um deslocamento físico/mental consciente. Saudosa, a primeira expressão de lembrança registrada na obra é justamente de um momento de sua juventude no qual o deslocamento se faz necessário para encontrar o fim de um ciclo no enterro da bisavó de uma amiga. Neste momento, a sincronia é interrompida e trocada por planos paralelos: Na lembrança, a juventude exalando e caçoando a morte. Na realidade, a juventude exaurida e esperando a morte chegar. A inquietude enrustida da senhora se manifesta através do movimento inclusive quando ela mesma se compara a uma espécie de fantasma vagando pelo apartamento (P.83). Mais uma vez se torna perceptível a desconexão entre a matéria física e a mental.

Apesar de suas limitações, a senhora não tem nenhum problema de saúde que encurte seus dias na terra e ainda é capaz de realizar suas atividades. Contudo, compara-se ao fantasma, que não tem vida, mas pode vagar imaginativamente. A disparidade pode ser vista ainda na velocidade em que sua juventude parece ter passado e na necessidade de criar de fato uma nova categoria entre envelhecer e morrer. Aparentemente, a única coisa que caberia nesse espaço seria mesmo as indagações inclusive de como finalizar de uma vez por toda sua trajetória na terra. Curiosamente, a ideia do movimento também se faz presente neste momento quando a senhora se denomina incapaz de tomar o próprio destino nas mãos. Marca-se, portanto, a sensação do vagar: Mover-se é necessário, mas como? Para onde? Até quando? Os avanços e recuos da memória também podem ser considerados deslocamentos a ponto de que a volta ao passado é como uma necessidade de exílio no conforto da lembrança do que foi e não volta mais e a visita ao futuro como uma saída literal de sua atual posição, seja mudando realmente para um abrigo, ou até mesmo partindo para o outro plano. A morte, que geralmente é entendida como um ponto de chegada, aqui retrata um momento transitório. A senhora a enxerga como veículo de transporte que percorre caminhos desde o da fé, ao da ciência para enfim chegar à paz.

Fernando é mais um dos personagens com nome em toda a história e representa a última geração presente no apartamento. O neto consegue se

relacionar muito bem com a avó, partilhando desde momentos simplistas do dia a dia a segredos mais complexos. É com ele que a velha experimenta seu primeiro cigarro de maconha. Momento este, crucial para que a senhora finalmente desloque-se, mesmo que metaforicamente. A primeira reação da avó é ainda pautada no preconceito contra a referida droga, mas, por curiosidade, acaba cedendo e experimentando o cigarro, que aumenta sua percepção. Sua atenção paira sobre uma carreira de formigas em movimento, indo e voltando de algum lugar do quarto (P.80). A idosa compara o ciclo de vida das formigas ao dos seres humanos, comentando que uma formiga também envelhece e morre se não a

matam antes. A velha lembra ainda que a empregada mata as formigas com os dedos sempre que as vê.

As formigas podem representar neste momento a imagem revestida pela necessidade natural de travessia. Deslocam-se por necessidade e empenham-se dia após dia para conseguir levar alimento a um lugar seguro para hibernar. Assim também são os humanos: deslocam-se por necessidade, submetem-se a trabalhos por vezes infelizes para garantir alimento e um lugar seguro para viver. Dentro das páginas do conto, o caminho das formigas é ainda mais interessante, já que acontece de um cômodo para o outro, mas ainda dentro do mesmo apartamento. Vivem se locomovendo como podem, até que alguém que se acha de um entendimento superior as matam. A senhora, assim como as formigas, vive como consegue até que alguém se disponha a limitar ainda mais suas opções de locomoção. Se não a matam antes, envelhece e morre como tudo na natureza. As formigas, entretanto, ainda possuem maior liberdade do que a velha em sua condição atual e talvez até cause inveja o ir e vir tranquilo dos pequenos insetos. Se as formigas podem entrar e sair do quarto quando bem entendem, para a velha, naquele momento, a reação alucinógena era sua única chance de escapar da própria realidade; um deslocamento imaginário e tão incerto quanto o do fantasma supramencionado.

O nome dos personagens revela sua importância quando se percebe que todos eles têm nome, menos a senhora. Os membros da família, a empregada, amigos de sua juventude, e até mesmo Fred Astaire, que também se desloca no conto: Com um salto gracioso e uma cartola, migra do palco para o além (P. 83). A velha, por sua vez, é chamada de velha senhora do início ao fim, talvez mais uma prova de sua disparidade e desconexão já que todos parecem capazes de mover

com suas vidas para onde bem entenderem, menos a velha. Uma personagem sem nome é uma personagem sem movimento. Seu deslocamento acontecia através das projeções acima citadas (formigas, efeito da maconha) e também durante a noite:

Dormir, quando não havia preocupações daquela ordem, era uma das melhores coisas, se não a melhor, na vida dela, pois o sono, ela se lembrando dos sonhos ou não, a libertava de seu corpo tão gasto e da cegueira avançada e da mente eu vivia aderida aos temores da escuridão completa e solitária. (P. 82)

Outro momento importante no texto é quando a senhora consegue enxergar uma estrela ao longe e se dirige até a janela para admirar sua luz -ou o que parece ser a luz da estrela, já que sua visão não é confiável-. Apesar da incerteza de qual estrela tinha visto, a velha apega-se principalmente a ideia do que ela pode ter visto, possibilitando que o leitor explore a dualidade da estrela. Ao mesmo tempo em que se move numa velocidade ímpar comprovada pela ciência, está imóvel no campo de visão humano. Jamais sairá do céu e jamais será outra coisa além de estrela. Tal declaração, porém, traz conforto a senhora que se identifica com a estrela e visualiza uma relação entre os dois seres imóveis, cada um fixado em planos diferentes do universo e deslocando-se como podem. É notável, mais uma vez, a ausência do sentimento de pertencer ao seu próprio lar, mas abundância de otimismo ao relembrar que de fato pertence a algo bem maior como todas as inter-relações do universo. E, apesar do tamanho imensurável do mundo, sua presença

mínima como a de uma formiga, ainda representava existência e assim seria até que o próprio mundo se extinguisse, ou até que a luz do último abajur se apagasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da leitura do material teórico foi possível debater a respeito da exiguidade de expressão individual que a senhora demonstra ao longo do enredo. Tal condição é percebida como um resultado agressão passiva causada pela urbanização, seja obrigando as pessoas a deslocarem-se para um novo lugar, seja obrigando as pessoas a permanecerem em lugar avelhantado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. [S. l.]: Papyrus Editora, 2017. 112 p. E-book.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O Conceito de Angústia**: Uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Petrópoles, RJ: Vozes de Bolso, 2017. 184 p. ISBN 978-85-326-5537-0.

STOLL, Daniela Schrickte. DESLOCAMENTOS URBANOS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**: Transformações, Conexões, Deslocamentos, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503607297_ARQ_UI_VO_SimposioTematico-textocompleto-R01.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2019.

VALÉRIO, Doutoranda Alessandra. VIDAS EM TRÂNSITO: O DESLOCAMENTO COMO LUGAR NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. **XIII Congresso Internacional da ABRALIC**: Internacionalização do Regional, Campina Grande, PB, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434327328.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2019.